



Vozes Da Radiofonia Campinense: Protagonismo Feminino¹

FREITAS, Goretti Maria Sampaio de²
SOUZA, Everton David Santos de³

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

RESUMO

As vozes da radiofonia campinense revelaram cantores(as), locutores(as), humoristas, técnicos, músicos, radioatores, radioatrizes, além de grandes jornalistas. A pesquisa buscou (re) construir a memória das mulheres que atuaram no rádio em Campina Grande- PB nas décadas de 1930 a 1970, desvelando a importância e contribuições destas para o desenvolvimento cultural e social da cidade. O método de abordagem utilizado atuou no campo da História Oral, através dos relatos de memória. Entrevistas em profundidade foram elaboradas a partir de um roteiro com perguntas abertas e fluíram através de um diálogo. O presente trabalho possibilitou a rememoração e a legitimação das experiências vivenciadas pelos profissionais da mídia radiofônica local, permitindo que suas atuações possam se perpetuar na memória coletiva e histórica do município.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Memória; Protagonismo Feminino.

Introdução

. A trajetória sócio-histórica do rádio em Campina Grande está indubitavelmente atrelada a grandes nomes que triunfaram no cenário radiofônico. As vozes da radiofonia campinense revelaram cantores (as), locutores (as), humoristas, técnicos, músicos, radioatores, radioatrizes, além de grandes jornalistas. Eles (as) passaram a integrar o cotidiano da sociedade, proporcionando novas formas de sociabilidades na medida em que os programas radiofônicos atuavam como os principais momentos de lazer coletivo das famílias.

No contexto da sociedade campinense as mulheres marcaram presença no meio radiofônico desde os seus primórdios. Nesta perspectiva a problemática aqui investigada debruçou-se na recuperação da memória das mulheres que trabalharam no rádio entre as décadas de 30 a 70 desvelando a importância e contribuições dessas para o desenvolvimento

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, Tv e Internet do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 02 a 04 de Julho de 2015

² Profª Drª Universidade Estadual da Paraíba; Membro do grupo Rádio e Mídia Sonora Intercom

³ Recém graduado Comunicação Social – Universidade Estadual da Paraíba



cultural e social de Campina Grande e cidades circunvizinhas. O corte histórico pré-estabelecido entre as décadas de 30 a 70 se justifica tendo em vista que durante este período o rádio vivenciou mudanças tanto na esfera técnica como na sua produção de programas.

Os personagens que fizeram a história do rádio local através dos mais diversificados programas (de auditório, radionovelas, jornalísticos) contribuíram eficazmente para o desenvolvimento cultural da cidade para além das ingerências mercantilistas vivenciadas pela indústria cultural nos anos 50. Tais contribuições foram possíveis graças ao empenho, dedicação e trabalho dos profissionais que conduziram a produção radiofônica em Campina Grande, dentre eles as mulheres que atuavam como radio atrizes, locutoras, cantoras.

A importância desta pesquisa se fundamenta pela necessidade de se registrar as contribuições das vozes da radiofonia campinense através do seu protagonismo feminino. A cidade alcançou novas dimensões com o rádio presente em diferentes lugares através do seu som uniforme embalado pelas vozes do (as) que faziam do rádio o centro de atenção da sala de estar nos lares campinenses, imprimindo novas formas de vivenciar o urbano.

Caminhos Metodológicos

Através de uma abordagem que articula técnicas e conceitos, o estudo é de natureza qualitativa. O método de abordagem utilizado atuou no campo da História Oral, através dos relatos orais de memória enquanto técnica historiográfica de pesquisas históricas sociais.

Para Thompson (2002) a história oral é capaz de interpretar a história das sociedades e sua cultura através da escuta das pessoas e do registro das narrativas de suas memórias e experiências, sobretudo daquelas que raramente são apresentadas nos arquivos históricos.

A história oral tem um poder único de nos dar acesso às experiências daqueles que vivem as margens do poder e cujas vozes estão ocultas porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos. (THOMPSON, 2002 p.16)

Por meio desta compreensão buscamos na história oral e no campo da memória captar detalhes que ainda não foram documentados sobre as personagens que atuaram no rádio em Campina Grande, dentro de um recorte cultural, temático e metodológico que viabilize a documentação desta pesquisa.

Antecedendo o método da história oral, inicialmente fizemos um levantamento dos principais nomes que triunfaram no rádio campinense através de pesquisa documental,



acervo sonoro e por meio de fontes orais de profissionais e ouvintes que estão vivos⁴ e que puderam atestar a participação das mulheres que atuaram no rádio em Campina Grande. A tipificação dos programas igualmente foi coletada por meio de fontes orais e documentais. A partir de uma listagem detalhada elencamos as principais produções e as separamos de acordo com o gênero em que se classificavam.

As entrevistas priorizaram as narrativas, trajetórias, relatos de situações, fatos e acontecimentos dos sujeitos entrevistados, levando-se em consideração as singularidades que marcaram a atuação dessas profissionais dentro uma conjuntura histórica e social da época. Além do método da história oral, utilizamos ainda a etnografia que nos permitiu interagir diretamente com os entrevistados em sua vida cotidiana e nos ajudou a compreendermos melhor suas concepções, práticas, motivações, comportamentos e procedimentos durante a entrevista.

Conforme reitera GEERTZ (1997), explorar as ações e os sentidos dos pesquisados é respeitá-los como sujeitos ativos, e não tratá-los como meros objetos de investigação.

Dessa forma, construímos, através de lembranças vividas num passado, um conjunto de informações detalhadas sobre a atuação dessas personagens no meio radiofônico campinense, priorizando detalhes relevantes nos depoimentos colhidos. E aqui evocamos Ricouer quando defende que “Não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu e se passou que declarássemos antes nos lembrar dela”. (RICOUER, 2007, p.40).

A Trajetória Do Rádio Em Campina Grande

Em Campina Grande a trajetória da radiofonia campinense se confunde com a própria história do rádio no Brasil. Acompanhou as transformações técnicas, vivenciou os mais relevantes programas através da sua época de ouro (anos 50) e esteve presente nas coberturas de fatos relevantes que marcaram o cenário político, econômico e social da cidade e da região. O desempenho dos que atuavam no meio radiofônico nesse período foi extremamente importante para fazer do rádio o principal meio de comunicação durante muitas décadas, atingindo a mais 90% da população campinense.

⁴Em março de 2011 coletamos o depoimento da primeira locutora de rádio em Campina Grande. Dona Maria Mendes aos 84 anos com bastante lucidez nos recebeu em sua residência, em Brasília. Numa conversa de mais de duas horas ela nos relatou momentos inusitados vivenciados nos bastidores do rádio enquanto atuava como radioatriz.



As primeiras transmissões radiofônicas aconteceram em Campina Grande nos anos 30, realizadas a partir de trabalho de radioamadores, cujos serviços de comunicação cobriam fatos oriundos da segunda guerra mundial. Mas foi exatamente no ano de 1936 que as primeiras experiências radiofônicas aconteceram na cidade com a chegada de Jovelino Farias, o gaúcho, através da implantação de serviços de alto-falante instalado na Rua Marques do Herval. Ali foram transmitidos por vários anos, programas que prestaram bons e relevantes serviços à coletividade campinense.

O protagonismo feminino emergia nesta época com a participação de Maria Mendes lendo anúncios comerciais, e rezando a Ave Maria todas as tardes. Esse tipo de serviço de som ampliou-se na década de 40 através da difusora *A voz de Campina Grande*⁵. A difusora tinha quase tudo o que o rádio viria a oferecer posteriormente. Com seus alto-falantes instalados na sacada do prédio Ezial, estendendo-se às ruas João Pessoa, Maciel Pinheiro, esquina com Semeão Leal e na Feira central, no edifício conhecido como Pau do meio, era sem dúvida o órgão de comunicação da cidade. (FREITAS, 2003).

Mesmo a difusora sendo uma prestadora de serviço radiofônico detentora de uma programação bastante diversificada, os amantes da radiofonia almejavam em trazer para a cidade uma verdadeira emissora de rádio. O grande sonho foi consolidado no dia 13 de maio de 1948 com a implantação da Rádio Cariri. Tendo como proprietário Epitacinho Pessoa, filho do ex-presidente Epitácio Pessoa. A pioneira, a Rádio Cariri, chegava firme e forte aos receptores atingindo todo o compartimento da Borborema, mudando de certa forma, os costumes da sociedade local. Neste cenário a figura feminina ia ganhando espaços diante dos microfones. A exemplo de Adelma Barreto que, assim como Maria Mendes atuava enquanto locutora apresentando anúncios comerciais. Na verdade as peças publicitárias se constituíam muito pelo ato de representação que as mulheres davam ao produto comercializado.

No final da década de 40, Campina Grande ganhou outra emissora. Mais precisamente no dia 08 de Dezembro de 1949 sob inspiração do jornalista paraibano Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo era inaugurada a Rádio Borborema. Hoje denominada de Radio Clube, iniciou suas atividades com uma programação dinâmica, causando furor de audiência em Campina Grande e cidades vizinhas. Desempenhando um papel importante para

5 A Voz de Campina Grande tinha à frente além do proprietário José Jataí, o jovem Hilton Mota. Ambos apresentavam da sacada do Ezial programas sobre futebol, política e principalmente programas culturais que eram prestigiados por centenas de pessoas. Na década de 40 e até meados dos anos 50 os serviços de alto-falantes ou difusoras, como eram popularmente conhecidos, tiveram uma participação preciosa na garimpagem de valores culturais locais que surgiam e se tornavam conhecidos através dos seus microfones. Por muitos anos, Campina Grande teve o seu “auditório ao ar livre”, com apresentações de cantores a exemplo da consagrada Marinês.



o desenvolvimento da cidade, a Rádio ditou normas e modificou padrões de comportamento da sociedade através de sua programação que a princípio se caracterizava pelas radionovelas, programas humorísticos e de auditório.

Em prol do progresso e da cultura da região, Campina Grande foi agraciada com a instalação de mais uma emissora de rádio. Foi precisamente no dia 24 de agosto de 1950 que a Rádio Caturité obteve sua concessão através de decreto assinado pelo então Presidente Eurico Gaspar Dutra. Inaugurada oficialmente no dia 7 de abril de 1951 a Caturité nasceu de uma campanha política, servindo de inspiração política para uma época em que o Brasil vivia a abertura para a democracia. Sempre manteve uma linha de programação versátil, no qual o jornalismo, o humorismo, a crítica, o radioteatro, as novelas, a música e o esporte eram encarados com seriedade, colocando em destaque os nomes da época que fizeram a história da caçula do rádio AM campinense.

As primeiras emissoras de Campina Grande já surgem na Era de Ouro do Rádio Brasileiro, o que acentua a programação criativa e diversificada das rádios pioneiras da cidade. O início do Rádio campinense propriamente dito ganha respaldo através dos seus profissionais, que faziam com que um “mundo maravilhoso” fosse transmitido pelas ondas hertzianas.

Grandes produtores passaram pelas rádios campinenses. Com talento, criavam roteiros para programas de auditório, programas humorísticos e, sobretudo, para as famosas radionovelas.

Os auditórios das emissoras radiofônicas de Campina Grande nesse período eram constantemente cheios. Tal espaço tornou-se ambiente de lazer e diversão.

A Rádio Borborema, tinha em seu *cast* um grande elenco de músicos, radioatores e locutores que se apresentavam diariamente nos programas de auditório. Os radioatores e as radioatrizes ganhavam rapidamente o afeto do público ouvinte. Não se precisava de demasiado tempo para que as pessoas se encantassem com as vozes dos que conduziam os folhetins sonoros, chegando a estabelecer relações de comoção à medida que as radionovelas iam sendo apresentadas.

A radionovela foi um gênero que se disseminou rapidamente. Na verdade, era uma forma de trazer o antigo folhetim que era publicado em jornais. De acordo com Joel Carlos as radionovelas, em geral eram produzidas por pessoas de nível intelectual com conhecimento na área da dramaturgia, fato que mobilizava setores da elite campinense.

Os produtores do rádio na época eram pessoas muito bem informadas intelectualmente. Liam autores estrangeiros e brasileiros. Interagiam com produtores de



outros estados e de outros países. Inicialmente eram adaptações feitas através das produções das emissoras do Rio de Janeiro como: a Rádio Nacional, Tupy, Globo, Mayring Veiga, entre outras. Novelas que eram protagonizadas por renomados atores, como: Lima Duarte, Walmor Chagas. As adaptações eram desenvolvidas com uma linguagem própria, ressaltando as peculiaridades da nossa terra, como a nossa forma de falar.

A capacidade desses produtores como Fernando Silveira ou Rosil Cavalcante de adaptar a linguagem e dar o tom exato pra que a radionovela fosse transmitida é de uma importância cultural enorme. Porque poderia ser qualquer peça, eles poderiam adaptar Shakespeare para o nordeste e as pessoas ouviriam, se encantariam e acompanhariam. (CARLOS, 2012)

As atrizes na sua maioria eram filhas de famílias ricas da cidade e já faziam teatro, a exemplo do Maria Mendes que iniciou a arte cênica através do grêmio escolar a qual fazia parte. Logo ganharam a simpatia do público e adquiriam status através de colunas publicadas no Diário da Borborema e jornais de bairro

Uma das mais aplaudidas radiotrizes da Rádio Borborema é a extraordinária Elisa César, cuja capacidade de interpretar já tem sido posta em prática centena de vezes. Nos mais difíceis papéis Elisa tem sabido driblar. Sua última e grande interpretação foi a ‘MÃE BENVINDA’ da novela de Fernando Silveira ‘O ANJO NEGRO’. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 1958, COLUNA COISAS DO RÁDIO)

A participação da mulher no meio radiofônico campinense, embora tenha sido em menor quantidade que os homens, foi de extrema importância. Elas se sobressaiam pela inteligência aguçada e pelas informações que ofereciam ao público feminino, tratando de questões da vida social, oferecendo aconselhamentos diversos, tanto na área da saúde, como da educação dos filhos. Elas aproveitavam o espaço de uma notícia ou de uma publicidade e ali inseriam comentários. Com isso, construíam um processo de conscientização perante o seu público.

As mulheres formavam um grande contingente de ouvintes. Então; moda, carnaval, blocos de carnaval, tudo era influenciado pelo rádio e tudo havia uma troca. O rádio também recebia essa informação feminina e tentava adaptar bem, programas de beleza, programas de culinária, programas de vestimenta (CLARINDO, 2014)

Uma das radionovelas campinense de maior sucesso foi Maria Lá-Ô, escrita por Fernando Silveira. Maria La-Ô foi toda gravada, inclusive passou até em outros locais. Recife



foi uma das cidades que transmitiu o folhetim “eles mandaram os discos para Recife e passou na rádio clube de Pernambuco”. (CAVALCANTE, 2014)

Os programas humorísticos em Campina Grande, assim como as radionovelas, apresentaram grandes nomes do rádio. Muitas produções desse gênero são lembradas até hoje a exemplo da “Escolhinha do Professor Nicolau”, criado e apresentado por Fernando Silveira. Personagens como Hilton Mota, Genésio de Sousa (O Chico), Eraldo César (O Bubuzinho), Aderson Costa, Rosil Cavalcanti, Dinaldo Barreto, Silvinha de Alencar, Edileuza Siqueira, Joel Carlos, Evandro Barros, dentre outros, levavam os ouvintes as gargalhadas com as piadas e improvisos das comédias do rádio.

A produção jornalística não passou despercebida na radiofonia campinense, configurando-se como uma das peças fundamentais das emissoras de rádio da cidade. Mesmo o público não estando presente nos auditórios, tinha sua atenção despertada pelas chamadas dos noticiários. Sempre que o “Campinense Repórter” entrava no ar todos acorriam para próximo do aparelho de rádio, atentos para ouvirem as últimas informações do cenário local e nacional.

A evolução e a modernização sempre acompanharam Campina Grande. Primeira cidade do interior Nordeste ostenta também o título de pioneira também no Estado a implantar uma emissora de Rádio em FM. Idealizada pelo espírito empreendedor de Hilton Mota, a primeira FM de Campina Grande foi inaugurada no dia 21 de outubro de 1978 com o nome fantasia de Campina Grande FM que logo se destacou no cenário regional e por que não dizer nacional, através dos programas que o seu tutor estabelecia.

A trajetória percorrida pela mídia radiofônica em Campina Grande⁶ demonstra a pujança deste meio de comunicação na construção do *ethos* social da cidade. O rádio alcançou na região da Borborema grande popularidade, sobretudo por ser um veículo de promoção e difusão da cultura, isso graças ao dinamismo, seriedade e empenho que seus profissionais empregaram para fazer do rádio o meio de comunicação mais popular.

⁶ No início da década de 80, Campina Grande, pólo de ligação entre os grandes centros e cidades da região, apesar de já ser nacionalmente conhecida pela sua vocação para o crescimento, só contava com uma emissora em FM. Nessa carência de alternativas, o Sistema Correio de Comunicação decidiu investir no público da Rainha da Borborema e para cá trouxe a Rádio Correio FM. Inaugurada em junho de 1983 a 98 FM tornou-se mais do que uma opção para os ouvintes campinenses, passou a ser um veículo a mais na propagação da informação e do entretenimento, ampliando dessa forma o mercado publicitário e aumentando ainda o campo profissional na área da comunicação. A mais nova emissora de rádio FM comercial da cidade é a Panorâmica, do sistema Rainha de Comunicação foi idealizada pelo médico Damião Feliciano e teve sua primeira emissão em agosto de 1991, operando em caráter experimental com o prefixo 104.5- ZVC 98.7, passando a atuar definitivamente no mês seguinte. Hoje a emissora busca através do apelo popular a sua máxima audiência.



O Protagonismo Feminino

Na perspectiva de identificar as mulheres que integraram a radiofonia em Campina Grande, listamos os nomes das protagonistas que atuaram neste meio entre as décadas de 30 a 70. As informações foram retiradas das entrevistas realizadas no percurso desta pesquisa. Esta classificação nos permitiu situar cada personagem na linha de tempo proposta pelo estudo, evidenciando a importância de cada uma no desenvolvimento da radiodifusão campinense. Aqui destacamos as profissionais que fizeram nome no rádio campinense, atuando como radioatriz, locutoras, cantoras entre outras funções.

Considerando que muitas dessas profissionais já faleceram, buscamos através da técnica da história oral, recuperar informações sobre estas protagonistas a partir de entrevistas realizadas com profissionais do meio radiofônico assim como coletando informações dos ouvintes amantes do rádio na época.

A radioatriz Maria Mendes foi nossa primeira entrevistada no percurso desta pesquisa. Estivemos no ano de 2011 em sua residência na capital federal, e conversamos sobre sua participação no rádio campinense.

Principais mulheres que atuaram na radiofonia campinense

Berta Barros
Carmem Cícera
Dayse Silveira
Delma Barreto
Dora Guimarães
Edileusa Siqueira
Elisa César
Francicleide Torres
Iaiá Lucena
Inês de Holanda
Irece Botelho
Ivonete Siqueira
Jaci Cavalcante
Janete Alves
Maria Barbosa
Maria da Neves
Maria Isabel
Maria Mendes
Maria Rodrigues
Marilda Manhãz
Marinalva
Marinês
Nair Belo
Nilce Belo
Rejane Vilarin
Rivailda Macedo
Silvinha de Alencar
Sonia Maria

A trajetória de Maria Mendes⁷ não difere de outros grandes nomes que triunfaram no cenário da radiofonia campinense, dando seus primeiros passos nas difusoras existentes na época, a exemplo da difusora a voz de Campina Grande que, tinha a frente os radialistas e

⁷ Maria Mendes é natural da cidade de Bom Jardim interior de Pernambuco. Chegou a Campina Grande aos oito anos de idade.



precursores do rádio campinense Hilton Mota e José Jataí. Maria Mendes anunciava músicas e integrava o elenco de atores das radionovelas. Como ela própria testemunha: “Fazia tudo. Produzia, às vezes não tinha nem muito horário não. O horário da tarde era eu. Eu fazia até quatro horas e ia para casa”⁸. Além disso, atuava na produção e integrava o elenco de programas humorísticos como a Escolinha do Professor Nicolau, criado e apresentado por Fernando Silveira com personagens de Hilton Mota, Genésio de Sousa, Eraldo César, Aderson Costa, Rosil Cavalcanti, Dinaldo Barreto, Silvinha de Alencar, Edileuza Siqueira, Joel Carlos, Evandro Barros, dentre outros, levavam os ouvintes as gargalhadas com as piadas e improvisos das comédias do rádio.

Maria Mendes trazia consigo aptidões para as artes cênicas. Destacava-se enquanto atriz durante apresentações teatrais realizadas no colégio onde estudou. No grêmio teatral liderava o elenco, ficando, portanto conhecida na cidade através das peças teatrais. Esta seria a porta de entrada para a sua participação na radiofonia campinense. Sua primeira atuação acontece na década de 1940, oportunidade em que foi convidada para fazer a leitura da Ave Maria. “Aí eu fazia pequenas coisas, minha voz era bem aproveitada. Rezava a Ave Maria todos os dias às seis horas da tarde”. Comenta.

Com a chegada da Rádio Borborema à cidade, Maria passa a integrar o seu *cast* e já tendo atingido a maior idade passa a ser remunerada pelas suas atuações. Enquanto única locutora fazia apresentações de anúncios publicitários assim como os intervalos musicais que fazia parte da programação da emissora.

Era também a única mulher, na época, que encenava nos palcos do auditório da Rádio Borborema. Neste período o fazer rádio exigia certas habilidades que transcendiam apenas o momento da locução. Fazia-se de tudo um pouco, o que denominaríamos na contemporaneidade de atributos que vão da produção à locução.

“Eu tinha uma paixão por negócio de cigano, não sei por que, mas eu sempre tive”, relata Maria Mendes ao comentar sobre as duas radionovelas as quais escreveu, Sangue Cigano e Amor Cigano. Com muito talento para a direção Maria Mendes sempre que precisava levava suas companheiras de colégio para atuar nas radionovelas da Rádio Borborema, apesar das freiras desaprovarem a ideia. Uma de suas pupilas foi a radioatriz Ivonete Silveira, “Ivonete era boa no teatro, ela trabalhava bem, tinha uma voz, vozeirão alta. Fazíamos teatro na rádio e no capitólio, em certas ocasiões”, relembra com saudosismo.

⁸ Entrevista concedida em 2011.



Apesar de Campina Grande se destacar com muitos autores de radionovelas, muitos destes folhetins vinham do Rio de Janeiro. Hilton Mota juntamente com Fernando Silveira organizava a direção geral, além disso, cuidavam da censura nos textos, devido ao teor das piadas. Do Rio vinham coisas mais fortes que Campina Grande jamais aceitou.

Eu vou te dizer dentro desse contexto uma coisa que é desagradável para mim. Fiz uma novela onde tinha uma moça, a protagonista, na trama ela tinha um filho. Dentro do estúdio no microfone para fazer a novela, era necessário fazer uns gemidos, exatamente, um parto. Escrito no roteiro, tinha que ter um gemido, fraquinho no começo, e depois maior, era somente uns quatro ou cinco gemidos e no fim para poder mostrar que o menino nasceu tinha que ser um suspiro bem maior, o alívio e o choro do neném. Uma coisa simples e bonita, e como eu estava acostumada a interpretar tudo. O meu negócio era ser uma boa artista, nem que não fosse bem recebido. Mas teve repercussão ruim. Teve muita gente que se incomodou. (MENDES, 2011)

Em nossa conversa Maria Mendes lamentou não poder ter prosseguido na profissão tendo em vista ter se casado e assumido outros papéis na vida doméstica.

Silvinha de Alencar: A Estrela do Meio-Dia

Outra voz do rádio campinense que se consagrou na memória dos seus ouvintes foi Silvinha de Alencar. Nascida em João Pessoa, onde iniciou sua carreira artística. A vocação para a música era natural, desde criança costumava a se apresentar na escola, igreja e nas festinhas. Seu primeiro trabalho foi aos 12 anos como cantora na rádio Tabajara num programa de calouros chamado Valores Novos, dos quais sempre recebia os prêmios. Logo em seguida, Geraldo Campos diretor artístico da rádio a convidou para fazer parte do *cast* da emissora. O mesmo também sugeriu um nome artístico para até então Maria do Carmo.

Ele me falou, olhe seu nome não é artístico. Maria do Carmo! Não soa bem. Eu posso mudar o seu nome? Então eu permiti. Com dois dias depois ele me chamou. Tenho um nome para você. Silvinha de Alencar, gostou? Então respondi, gostei! Silvinha de Alencar!. (ALENCAR, 2014)

Depois que passou a integrar o *cast* da Tabajara era acompanhada pela Orquestra Tabajara do maestro Severino Araújo. Mudou-se para Campina Grande, onde passou a morar com a também cantora, Miriam Barros, que trabalhava na rádio Borborema e apresentou



Silvinha ao diretor artístico da emissora. Ela fez o teste e logo foi contratada para o *cast* da Borborema, por volta da década de 1950.

Como cantora se apresentava como prata da casa em programas especiais de cantores de repercussão nacional, por se destacar com sua voz, logo foi convidada por Fernando Silveira, na época diretor artístico para integrar o elenco das radionovelas. De acordo com o professor Custódio, ouvinte de rádio da época, Silvinha de Alencar se destaca como uma das vozes mais belas da radiofonia campinense:

Na minha concepção, me desculpem todas as outras radioatrizes e mulheres do rádio, mas, na minha concepção era a figura mais expressiva, mais extraordinária. Uma voz extremamente belíssima. (CUSTÓDIO, 2014)

Protagonizou várias novelas, fazendo par romântico com o radialista Eraldo Cesar. “Sempre fui a moçinha. Fernando Silveira descobriu que eu tinha talento pra isso, e pronto. As vezes fazia par com Eraldo César, mas também com Hilton Mota”. (ALENCAR, 2014).

As radionovelas faziam muito sucesso e Maria La-Ô fez tanto que a personagem tornou-se popular nas ruas. “Eu passava nas ruas e as pessoas me chamavam de Maria La-Ô. Além disso, recebia muita correspondência, me pediam fotos. Mas eu respondia a todas, muitas vezes através do programa Vespéral das Moças” (ALENCAR, 2014).

Assim como outras profissionais do rádio, Silvinha de Alencar destacava-se em meio ao maior número de homens que ocupavam as vagas nesse nicho do mercado de trabalho da época. Geralmente as mulheres eram respeitadas pelos colegas de trabalho. E quanto às críticas da sociedade, se posicionava indiferentemente. “Se havia discriminação, era mais por parte da sociedade. Algumas pessoas consideravam que mulher que trabalhasse em rádio não valia nada, era mulher de todo mundo. Eu não dava a menor importância, porque gostava do que fazia”. (ALENCAR, 2014). Por outro lado as moças da época se espelhavam nessas profissionais. Tidas como personalidades as radioatrizes ditavam modas de comportamento.

Elas se espelhavam não só em mim, mas também nas outras colegas de trabalho. Por exemplo, nos programas de auditório nossa vestimenta era obrigatoriamente a rigor, assim como os homens, então isso influenciava muito. Cada um queria ser mais chique que o outro. Principalmente nos aniversários da rádio Borborema. (ALENCAR, 2014)

Silvinha mostrava habilidade e desenvoltura para tudo no rádio, logo começou a trabalhar como locutora e fazer anúncios. Neste período começou a apresentar seu próprio



programa A Estrela do Meio Dia. Criado por Fernando Silveira era gravado durante a semana e transmitido aos domingos pela Rádio Borborema. Ela brilhava o programa interpretando canções da música popular brasileira como Elizete Cardoso, e Dores Monteiro.

Voz doce, suave, romântica, envolvente. “A Estrela do Meio-Dia”, Programa dominical, ansiosamente esperado: deleite para seus fãs, inclusive eu, que, posteriormente me tornei sua colega de turma do Curso Técnico de Contabilidade no C.A.D. (Colégio Alfredo Dantas), cuja amizade sincera, verdadeira e concreta perdura até hoje, mesmo distantes. (NUNES, 2014)

As mulheres do rádio campinense tiveram papel fundamental, primeiro porque se mostravam inteligentes e capazes de transformar esse conhecimento em informação, além de se revelarem aptas a passar essas informações em forma de conteúdo para outras mulheres.

Seguindo o exemplo de várias cronistas e escritoras que já atuavam no centro sul, elas vão tratar de colunas de vida social, cuidados com o bebê e a saúde, programas sobre vida íntima, elas davam conselhos na rádio, aproveitavam o espaço de uma notícia ou uma propaganda de remédio para dar essas indicações sobre saúde. Essas mulheres foram poucas, mas tiveram papel fundamental, principalmente porque abriram o campo e espaço para que moças se interessassem pela profissão de jornalista. (CLARINDO, 2014)

Considerações

O percurso desta pesquisa nos permitiu a reconstrução da memória dos personagens do rádio a partir das narrativas daqueles que testemunharam a atuação dos profissionais da época. O estudo possibilitou a percepção de que o desenvolvimento da radiofonia campinense e o crescimento das emissoras de rádio locais se deram através do empenho de profissionais que com seriedade trabalharam na radiodifusão, sobretudo nas décadas de 30 a 70.

À luz das narrativas obtidas conseguimos elencar as mulheres que neste recorte histórico, desempenharam serviços no rádio. A pesquisa demonstrou que a produção da mídia radiofônica no período estudado era realizada com grande empenho dos que nela trabalhavam, tendo em vista o alcance massivo da população, a difusão da cultura e a prestação de serviços à comunidade.

As mulheres que marcaram presença no meio radiofônico desde os seus primórdios, estabeleceram um processo de identificação com o público receptor da época, principalmente pela forma como faziam rádio e mais especificamente pelas radionovelas produzidas e protagonizadas.



O contato com as fontes também nos apontou a falta de reconhecimento para com os profissionais do rádio do período estudado que ainda estão vivos, a exemplo de Maria Mendes, Silvinha de Alencar, e outros, que indubitavelmente, tiveram um desempenho e uma contribuição extraordinária para a consolidação da radiofonia campinense.

Referências Bibliográficas

BARROS, Antônio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A elaboração da pesquisa.** IN: BARROS, Jorge; DUARTE, Antônio (orgs.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006

FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. in SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de; OLIVEIRA, Flavianny Guimarães de; FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. **História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande.** Campina Grande: EDUFCEG/EDUEP, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva.** Vértice: São Paulo, 1990.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: A cultura popular revisitada.** São Paulo: Contexto, 1994.

Outras Referências

AGUIAR, Luiz. Entrevista realizada em Outubro de 2012.

ALENCAR, Silvinha. Entrevista realizada em julho de 2014.

ALVES, José. Entrevista realizada em Setembro de 2012.

AZEVEDO, Rômulo. Entrevista realizada em Outubro de 2012.

CARLOS, Joel. Entrevista realizada em Agosto de 2012.

CAVALCANTE, Gabimar. Entrevista realizada em junho de 2014.

CLARINDO, Antonio. Entrevista realizada em Fevereiro de 2014.

Diário da Borborema. *Coisas do Rádio.* Campina Grande: 1958.

FARIAS, Pedro. Entrevista realizada em Setembro de 2012.

MAIOR, Gilson Souto. Entrevista realizada em Outubro de 2012.

MEDEIROS, Sandra. Entrevista realizada em Setembro de 2012.

MENDES, Maria. Entrevista realizada em Fevereiro de 2011.

MOTA, Marilena. Entrevista realizada em Setembro de 2012.

NUNES, Julita. Entrevista realizada em maio de 2014.

SILVA, Luiz Custódio. Entrevista realizada em Dezembro de 2013.